



METROPOLE

SSA-BA

01 MAI 2025



Da Fofoca Para a Fake News

Inofensivas ou maledicentes, fofocas passaram de uma ferramenta social que ajudou a garantir a sobrevivência da humanidade para uma ameaça online. Págs. 2 e 3



Universidade Federal da Bahia completa 79 anos como símbolo de resistência e saber. Pág. 4



Com formatos infantis e promessa de solução milagrosa, melatonina se espalha entre crianças. Pág. 10



Programa de Bolsas de Estágio da Metropole encerra inscrições e entra na segunda fase de seleção. Pág. 12

Estado de fofoca

Amada por uns e odiadas por outros, fofoca já foi mecanismo de sobrevivência, mas evoluiu para fake news



Texto **Laisa Gama**
laisa.gama@metro1.com.br

Fofoca, mexerico, futrico, fuxico. Os nomes são vários, mas a prática é universal e histórica. E, diferente do que os inimigos do disse-me-disse pensam, a fofoca não só (como diria a sabedoria popular) edifica a relação entre casais, amigos e familiares, mas também tem ligação com a sobrevivência e a evolução humana. Pois é, eis aqui, finalmente a redenção dos fofoqueiros.

Mas nem tanto, porque, se antes o maior problema de uma fofquinha era espalhar maledicências sobre o inimigo, agora esses riscos ganham novas proporções com as redes sociais. A fofoca ganhou outro contorno, ou melhor, uma filha ainda mais perigosa: a fake news, arma de desinformação que ameaça democracias e a saúde pública.

EVOLUÇÃO GRAÇAS À FOFOCA

Se hoje os fuxicos rolam soltos nos grupos do WhatsApp, nas mesas de bar e nas copas de ambientes de trabalho, há 50 mil anos, claro, era bem diferente. Os humanos se reuniam em volta de fogueiras para compartilhar histórias dos colegas. Era muito mais do que implicância e passatempo, era questão de sobrevivência. Saber dos erros dos outros, das traições ou quem tinha caçado bem, era uma forma de mapear integrantes confiáveis e os

trapaceiros, para manter o grupo coeso e pronto para a luta.

FUXICOS QUE EDIFICAM RELAÇÕES

Segundo o antropólogo Robin Dunbar, da Universidade de Oxford, os primatas usam a prática de catar piolhos para reforçar laços sociais, mas os humanos substituíram o toque físico pelas palavras. E nesse balaio, está a fofoca, que, segundo o antropólogo, não é apenas uma conversa trivial, mas também uma ferramenta essencial na construção e manutenção de relacionamentos sociais. Basta trazer para os dias de

hoje, quantas amigas não surgiram do compartilhamento de um mexerico? Quantos relacionamentos não têm como “momentos de conforto” a troca de disse-me-disse? E quantas vezes você retomou o contato com aquele colega só para saber ou contar alguma fofoca?

LÍNGUA MEXERIQUENTA

“Fiquei sabendo”, “nem te conto”, “me disseram”, “tenho um babado para você”. A linguagem da fofoca é muito específica, cada um tem o seu jeito. Mas e se alguém disser que a própria língua falada deve muito à fofoca? O historiador israelense



reproducao/canva

Publisher **Editora KSZ**
 Diretor Executivo **Chico Kertész**
 Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
 Editor de Arte **Paulo Braga**
 Coordenação **Mariana Bamberg**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
 Redação **Daniela Gonzalez, Duda Matos, Laisa Gama e Luanda Costa**
 Revisão **Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br
 Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambuês - CEP 41100-010
 Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



reproducao/canva

Yuval Noah Harari, autor do best-seller *Sapiens: Uma Breve História sobre a Humanidade*, defende que o ato de fofocar ajudou a sedimentar a linguagem há 70 mil anos na chamada Revolução Cognitiva.

UM BOATO DESPRETENSIOSO CHEIO DE MALEDICÊNCIA

A fofoca foi passando por todas as épocas e gerações. Na Idade Média, “fofocas” sobre nobres e reis ecoavam nas feiras populares; séculos depois, panfletos anônimos ajudaram a espalhar boatos

morais. Se tornou uma espécie de arte usar a fofoca para dominar a política. Claro, em muitas delas havia (e há ainda) a maledicência, o desejo de atacar o sujeito daquele mexerico. Mas muitas também ajudaram e ajudam a alertar contra comportamentos nocivos, a reforçar normas sociais, a expor atos antiéticos e até como uma válvula de escape emocional. E, na pior das hipóteses, revelam uma face lamentável dos que a espalham. Como Sigmund Freud sintetizou: “quando Pedro me fala sobre Paulo, sei mais de Pedro que de Paulo”.

reproducao/canva



Do fato ao fake

Qual a diferença entre a fofoca das cortes e as das redes? Hoje, com um clique, qualquer futrico pode alcançar milhões. O salto temporal da fofoca oral para a desinformação digital pode ser explicado por três fatores: velocidade, anonimato e algoritmos. Um estudo do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) revelou que uma fake news é 70% mais propensa a ser compartilhada do que uma notícia verdadeira. É a mesma lógica da fofoca - quanto mais interessante e emocionante, mais fácil a propagação.

Mas, no caso da fake news, é ainda pior, porque essas informações falsas apelam diretamente para as emoções (gerando medo, raiva ou indignação) e são deliberadamente construídas e manipuladas para enganar e obter vantagens. Isso sem falar da ajudinha dos algoritmos.

COMPARTILHANDO CASOS

O caso do 5G e da Covid-19 ilustra isso bem. Em 2020, boatos de que a nova tecnologia de internet causava a doença levaram à depredação de antenas no Reino Unido e Holanda. Tudo iniciado por um post no Facebook. Nas eleições brasileiras de 2022, o fenômeno se repetiu. Deepfakes — vídeos manipulados digitalmente — de políticos foram compartilhados no Telegram, com algumas versões falsas alcançando mais visualizações do que discursos reais.

Essa distorção da realidade tem efeitos concretos. De cada cinco brasileiros, um chegou a acreditar que a cloroquina seria a “cura” para a Covid-19, segundo uma pesquisa do instituto Ipsos sobre os mitos da pandemia.

REAÇÃO DEMOCRÁTICA

Os governos vêm reagindo às fake news: a União Europeia aprovou o Digital Services Act, que prevê multas de até 6% do faturamento de plataformas que não atuaram contra a desinformação. Mas empresas como a Meta, dona do Facebook e do Instagram, apesar de investirem bilhões por ano em moderação de conteúdo, ainda deixam escapar fake news, inclusive em anúncios nas redes.

No fim das contas, a fofoca construiu pontes sociais e ajudou a fortalecer relações. Já a sua versão digital, acelerada, sem filtro e com potencial viral, ameaça essas mesmas estruturas.

ESPECIAL

METROPOLE

Senhora dos destinos

UFBA faz 79 anos como símbolo de resistência e saber

Texto **Daniela Gonzalez**

daniela.gonzalez@metro1.com.br

Algumas instituições não apenas sobrevivem ao tempo, elas o atravessam moldando a sociedade por dentro. A Universidade Federal da Bahia é uma delas. Ao completar 79 anos, a UFBA permanece como lugar de encontros, de pensamento crítico e de construção do futuro. Entre colunas históricas, palcos, laboratórios, salas, auditórios e corredores, pulsa um projeto de educação pública que insiste em permanecer relevante, necessário e vivo.

A UFBA tem raízes na Escola de Cirurgia da Bahia, primeiro curso universitário do Brasil, de 1808. Mas foi fundada oficialmente em 1946, no dia 2 de julho. Data que, por si só, representa força e liberdade. Não poderia ser outra. O primeiro reitor, o médico Edgar Santos, já compreendia a universidade como mais do que um espaço de ensino: deveria ser casa da arte, da ciência e, claro, da liberdade. Sob

sua liderança, a universidade tornou-se um polo irradiador de cultura no Brasil, trazendo ao seu corpo docente nomes do modernismo europeu. Não por acaso, foi na UFBA que surgiram ecos do Cinema Novo, da Tropicália, de movimentos estudantis que marcaram a história do país. Ali passaram — como alunos ou professores — nomes que ajudaram a desenhar a identidade brasileira. Glauber Rocha, Gilberto Gil, Waly Salomão, João Ubaldo Ribeiro, Caetano Veloso, Itamar Vieira Júnior, Jaqueline Goés e tantos outros cruzaram seus portões deixando rastro de criatividade, política e avanços. Entre eles, também Mário Kertész, aluno, depois professor de Administração e um dos defensores e incentivadores da instituição. Conviveu de perto com reitores marcantes como Roberto Santos, Lafayette Pondé, Germano Tabacof, João Carlos Salles e, hoje, Paulo Miguez. Sua trajetória é mais uma das que entrelaça-se com a da própria universidade.

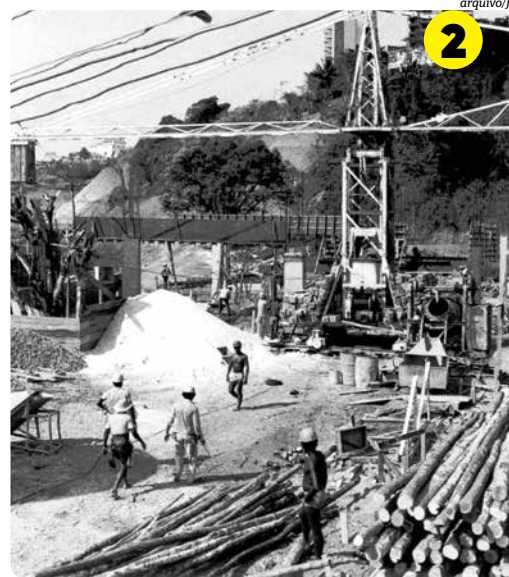


Foto 1: Reitoria da UFBA, 1978
Foto 2: Construção do Pavilhão de Aulas da Federação, 1979
Foto 3: Início das aulas de 1980
Foto 4: Movimento estudantil, 1975
Foto 5: Faculdade de Medicina, 1978
Foto 6: Instituto de Letras, 1991
Foto 7: Faculdade de Direito, 1969



Planos de Saúde Empresariais

Priorizar a saúde dos seus colaboradores é investir no sucesso e no futuro da sua empresa.

Com os Planos de Saúde Empresariais Promédica, você conta com mais de 50 anos de experiência, com 4 hospitais próprios, 8 centros médicos, rede de laboratórios Datalab e rede credenciada.

Tudo isso com a administração aqui na Bahia, ao seu lado.

Para mais informações, ligue:
(71) 3271-9115.

Promédica 
Muito Mais Saúde



Essencialmente agrícola outra vez

Janio de Freitas

Jornalista

Há obstáculos para o Brasil aproveitar e aprofundar a relação com a China diante dessa oportunidade que a situação atual abre por consequência da ausência de inteligência e de moralidade na política externa e econômica de Donald Trump. Mas o grande obstáculo para nós, brasileiros, está exatamente no Brasil.

Parece que nós temos uma tendência à fuga sempre que aparece uma oportunidade de avanço brasileiro em termos de nível de vida e de organização social e política. E outra vez isso se repete. Acho que isso se deve à tendência da elite brasileira de preferir as soluções mais cômodas do que as mais promissoras e necessárias, porém também mais trabalhosas.

A elite brasileira, entre as possibilidades de avançar no empreendedorismo (para ficar numa palavra da moda) e a possibilidade de adotar destinos tranquilos e poucos trabalhosos para sua riqueza, sempre prefere a segunda solução - que já foi muito representada pela posse de terras e imóveis; mas hoje é representada também pelas aplicações financeiras sem nenhuma finalidade e visão social.

Tem sido historicamente tão cômodo esse comportamento da tal elite financeira que eles não admitem nenhuma alteração, seja de ordem social ou econômica. Reagem. Enxergam comunismo em cada esquina. Com isso, o Brasil vai ficando cada vez mais para trás e mais estagnado. Ainda que avançássemos alguma coisa, o avanço externo é tão maior que nos perdemos em insignificâncias.

Nas décadas de 1920 e 1930, se instituiu a ideia de que o Brasil era um país “essencialmente” agrícola. Mas, na década de 1950, houve um movimento intenso em sentido contrário, querendo contribuir para a difusão de um propósito industrialista, organizativo, etc. O governo de Juscelino Kubitschek vem a ser a expressão mais alta desse movimento. Já no governo Jango houve um recuo e, com o golpe de 64, isso se esvai inteiramente.

E hoje o que somos? Outra vez um país essencialmente agrícola em pleno século 21, com avanços industriais, científicos e econômicos fantásticos pelo mundo fora. E nós exportando soja, que mais? Milho e soja, um pouquinho de café. E a agroindústria domina a política

brasileira, porque domina o Congresso. Agroindústria e tome soja.

** A análise foi feita pelo jornalista no programa **Três Pontos**, da **Rádio Metropole**, transmitido ao meio-dia às quintas-feiras*

A elite brasileira, entre as possibilidades de avançar e a possibilidade de adotar destinos tranquilos e poucos trabalhosos, sempre prefere a segunda solução

ARTIGO



METROPOLE

três pontos

com Mário Kertész,
Janio de Freitas,
Bob Fernandes e
Sérgio Augusto

Todas as quintas ao meio-dia
Na Rádio e no Youtube.com/PortalMetro1
Reprise as sextas - 19h

ENTREVISTA

Roberta Santana

SECRETÁRIA DE SAÚDE DA BAHIA



fernanda vilas/metropress

Houve uma politização com o tema da regulação e toda culpa é colocada nela. Esse modelo existe no Brasil todo para evitar que as pessoas fiquem em uma ambulância esperando internamento

Jornal da Bahia no Ar



ENTREVISTA

Carlos Muniz

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR



victor ramos/metropress

Tem o lado positivo e o negativo em uma Câmara com maioria da base do prefeito. A oposição quando mexe em algo do Executivo é para melhorar. Temos que respeitar uma oposição forte

Jornal da Bahia no Ar



ENTREVISTA

Marcelo Veras

PSICANALISTA E PSIQUIATRA



victor ramos/metropress

Essas redes de educação vão homogeneizando o ensino. E os professores chegam mais angustiados, pois são prestadores de serviço censurados, onde se faz uma confusão ideológica enorme

Jornal da Bahia no Ar



ENTREVISTA

Frei Beto

ESCRITOR, FILÓSOFO E TEÓLOGO



divulgação/prefeitura de contagem

Os papas João Paulo II e Bento trouxeram um retrocesso, fortaleceram muito o clericalismo, essa coisa de tudo se centrar na figura do padre [...] isso provocou um retrocesso na igreja

Jornal da Bahia no Ar





NÃO DÊ ESPACO PRO MOSQUITO

DENGUE MATA, E VOCÊ PODE SER A PRÓXIMA VÍTIMA

Quando o Aedes Aegypti acha qualquer brecha, logo se espalha e coloca você e sua família em perigo. Para não dar espaço a ele, siga as dicas. Em caso de sintomas, reforce a hidratação e procure o posto de saúde da Prefeitura antes de tomar qualquer medicação.



EVITE POÇAS
DE ÁGUA NA
ÁREA DA CASA



LIMPE RALOS
E CALHAS



COLOQUE AREIA
NOS PRATOS
DE PLANTAS



MANTENHA
O QUINTAL
SEM LIXO
OU ENTULHO



MANTENHA
TONÉIS
E CAIXAS - D'ÁGUA
FECHADOS



GUARDE GARRAFAS
E BALDES VIRADOS
PARA BAIXO



GOVERNO DO ESTADO

BAHIA

SECRETARIA DA SAÚDE

GOVERNO
PRESENTE
**FUTURO
PRA GENTE**

Sono sob prescrição

Melatonina se espalha pelo Brasil como solução milagrosa para insônia e usa estratégias como formato e sabor para chegar a crianças e adolescentes

Texto Duda Matos

maria.matos@metro1.com.br

Sejam em formato de comprimido, ursinhos, coração e bala de goma, os suplementos e medicamentos contendo melatonina, para supostamente ‘combater a insônia’, invadiram as redes sociais e o mercado brasileiro. Os modelos fofos, divertidos e saborizados, não se engane, revelam uma tentativa silenciosa (e vitoriosa, diga-se de passagem) para chegar a crianças e adolescentes, muitas vezes sem prescrição médica.

NÃO É LIBEROU GERAL

Se por um lado, as redes, junto com dinâmicas acadêmicas exaustivas e rotinas hiperconectadas, contribuem para o desajuste no sono de crianças e adolescentes, por outro, elas são também usadas para vender a solução milagrosa. Só que, apesar dessa busca crescente pelos indutores de sono, a venda de melatonina em suplementos alimentares no Brasil só foi autorizada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) em 2021. E, ainda assim, exclusivamente para pessoas com

idade de 19 anos ou mais e consumo diário máximo de 0,21 mg. Ou seja, a melatonina é proibida para crianças e adolescentes.

DISFARÇADAS DE GOMINHAS INOFENSIVAS

E não é para menos. A melatonina é produzida naturalmente pelo corpo humano, mas, nos Estados Unidos, lota prateleiras e gôndolas de farmácia com rótulos de “Soninho Perfeito” ou “Sweet Dreams”. Lá, um a cada cinco adolescentes usa a substância regularmente, segundo a revista científica JAMA Pediatrics. Se não houvesse essa limitação da Anvisa, a tendência no Brasil, país recordista em automedicação, provavelmente seguiria o caminho norte-americano.

RESPOSTA PARA TUDO

Em 2023, a Anvisa chegou a ordenar a retirada do “Soninho Perfeito Melatonina Kids”, da Mr. Omed, das prateleiras de farmácia, após a empresa veicular propagandas na internet garantindo terapias para problemas com sono, ansiedade, compulsão alimentar, irritabilidade no-

turna, inflamação e até câncer. Para o médico do sono Francisco Hora, essa febre da melatonina reflete justamente a farmacologização generalizada. No popular: o uso de medicamentos para tudo, como se fosse a solução para qualquer problema.

“Não é assim que a banda toca. Você tem que tratar as causas dos problemas. E a causa do desajuste no sono não está na falta de melatonina, seu corpo está apto a produzi-la se você deixar. Agora, se você não deixa, está olhando o celular, se não tem um momento de reflexão”, fica mais difícil”, alerta Francisco Hora.

MAIS UMA PILANTRAGEM MÉDICA

Essa venda e publicidade indiscriminada nas redes sociais de medicamentos proibidos para determinado público não é novidade nas redes. Francisco Hora é taxativo: “faz parte da pilantragem em que a prática médica tem se tornado”. No caso da melatonina, os influenciadores usam as redes para vender uma substância produzida pelo nosso próprio corpo, alegando solucionar um problema criado, entre outros motivos, pelo próprio excesso das redes.

Exército do sono

E não são apenas as gominhas de melatonina. A venda de remédios para dormir cresceram, com destaque para o Zolpidem, remédio controlado, que provoca rápida indução ao sono e causa dependência. São atrelados a ele relatos de amnésia, esquecimento, delírio e paranoia, mas o termo Zolpidem já acumula mais de 177 milhões de visualizações no TikTok. E no próximo ano, uma nova classe de remédios para dormir, Dora, deve chegar ao Brasil. Parece que contar carneirinhos ficou mesmo no passado.



reproducao/canva





Apagão e radinho de pilhas

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e articulista da Rádio Metropole

Era meio-dia de segunda-feira na Espanha e em Portugal quando um caos de natureza jamais visto se fez. Um apagão energético na Espanha, até agora pouco explicado e numa escala que afetou as centrais nucleares, eólicas e as usinas a carvão, além das centrais elétricas, desligou os dois países das conexões com a Europa, feitas a partir da França.

O que se viu foram cenas como se saídas das primeiras páginas e imagens de ‘Ensaio sobre a cegueira’, a obra-prima de José Saramago. Madri, Barcelona, Lisboa, Porto, apenas para citar algumas das metrópoles, mergulharam no caos, em aeroportos, indústrias, estações de trem, hospitais, bancos, comércio e sistemas de ordenamento de trânsito.

Cinco segundos foi o tempo da ocorrência da pane. Mais de 27 horas foi o tempo para a situação ser dada como contornada, embora os prejuízos ainda estejam sendo calculados e as causas, pesquisadas. A primeira suspeita foi de ciberterrorismo, hipótese a essa altura

tida como pouco provável, mas não totalmente descartada. A segunda, um efeito adverso climático raro, opção mais referenciada por especialistas e autoridades, mas de difícil explicação técnica.

CIRURGIA E ISQUEIRO

Foi como se, num piscar de olhos, tivesse sido acionada uma tecla pause na realidade. Nesse aspecto, as narrações feitas na imprensa portuguesa e espanhola são peças excepcionais e equivalentes, em beleza, complexidade e espanto, ao que só a literatura parece ser capaz de dar conta. Pessoas presas em elevadores, impedidas de entrar em casa por conta de fechaduras eletrônicas, em mesas de cirurgias, qualquer compra inviabilizada. Não havia banco, cartão de crédito, sinal de celular, bateria, transporte nem posto de gasolina.

No tempo em que todos os confortos tecnológicos pareciam ter desaparecido, uma cena real era pura literatura de ficção científica: os itens cujos estoques acaba-

ram imediatamente foram rádios portáteis, pilhas, lanternas, velas e isqueiros. São incríveis as imagens de pessoas aglomeradas nas ruas em torno de um disputado radinho de pilhas. Por via das dúvidas, melhor providenciar essa listinha de compras e manter esses itens por perto.

Cinco segundos foi o tempo da ocorrência da pane. Mais de 27 horas foi o tempo para a situação ser dada como contornada



Dada a largada

Programa de Bolsas de Estágio da Metropole encerra inscrições e dá início à seletiva para seis meses de treinamento e prática com a equipe da radinha



filipe luiz/metropress



filipe luiz/metropress



filipe luiz/metropress

Texto Redação

redacao@radiometropole.com.br

Quem fez já fez, e quem não fez não adianta chorar. As inscrições para a primeira fase do **Programa de Bolsas em Estágio de Comunicação na Metropole** foram encerradas nesta quarta-feira (30), exatamente às 23h59. E agora, o apito inicial foi dado e começam as etapas de seleção.

Até terça-feira, véspera do prazo final, cerca de 80 candidatos já tinham iniciado o processo de inscrição, com o envio de dados pessoais, acadêmicos e a simulação de uma nota e chamada de uma notícia. Todos estudantes dos mais diversos cursos de comunicação de universidades de Salvador: de Jornalismo e Publicidade a Marketing e Desing.

O QUE ESTÁ EM JOGO?

Quatro vagas para seis meses (podendo ser renovado) de experiência e treinamento na *radinha*. E mais do que isso: será também a prática na produção e apuração para **Jornal Metropole**, portal **Metro1**, rádio e ainda redes sociais, tudo isso em contato com a redação e os profissionais que fazem a **Metropole** acontecer.

Entre os inscritos, 10 serão selecionados para a etapa presencial, que inclui uma reunião de pauta com jornalistas da rádio e a simulação de uma notícia em texto e vídeo. Aqueles com melhor desempenho serão classificados para a etapa final: uma entrevista com a equipe do **Grupo Metropole**. Depois é só correr para o abraço e se preparar para a experiência de viver a *radinha* por dentro.

Etapa 1:

Envio de informações e materiais online - finalizada 30/04

Etapa 2:

Reunião de pauta presencial e simulação de notícia em texto e vídeo

Etapa 3:

Entrevista com equipe da Metropole



Proibidos para menores de idade, patinetes elétricos viram febre entre adolescentes na saída e nos recreios das escolas

Texto Redação
redacao@radiometropole.com.br

Azulzinhos, rapidinhos e democráticos (até para quem não poderia utilizar). Se sua cabeça foi longe, calma, porque estamos falando dos patinetes elétricos, que chegaram às ruas de Salvador no início do ano e já carregam, na carona, uma série de polêmicas. Uma delas é o uso por crianças e adolescentes nas redondezas de escolas da capital, contrariando uma das principais regras: é proibida a condução por menores de idade.

À DISPOSIÇÃO LOGO ALI

As cenas de adolescentes utilizando o tempo do recreio ou a hora de saída dos colégios para pilotar os patinetes já lotam as redes sociais. E a explicação é muito simples: azulzinhos, rapidinhos e democráticos à disposição em paradas próximas às escolas (Gregor Mendel, Anchieta, São Paulo são apenas algumas delas). E, claro, a facilidade para burlar a limitação de idade no login da plataforma.

ACIDENTES NA CONTA

A operação dos patinetes em Salvador é conduzida pela empresa JET, sob acompanhamento da Secretaria de Mobilidade Urbana. Para utilizar, é preciso baixar e fazer um cadastro em um aplicativo, onde as regras são apresentadas aos usuários. Mas infelizmente não basta aguardar que sejam cumpridas. Os acidentes já registrados estão aí para provar isso. Só nos últimos 15 dias de março, o **Metro1** noticiou ao menos três acidentes envolvendo patinetes na região entre Barra e Ondina.

LOCAL PERFEITO PARA RISCOS

Segundo a Semob, a escolha desses pontos de parada e estacionamento para os patinetes é feita levando em consideração aspectos como proximidade de faixa de travessia, presença de infraestrutura cicloviária, largura da calçada e demanda e fluxo de usuários.

Mas, no caso do uso de patinetes em regiões escolares, os riscos acabam sendo ainda maiores, porque independentemente de quem pilota, trata-se de uma área já movimentada e que exige ainda mais cuidado dos condutores. Multiplica esses riscos quando se tem menores de idade pilotando em grupos entre as vias e calçadas.

PREVENIR PARA NÃO REMEDIAR

A secretaria, no entanto, alega que a empresa operadora tem uma equipe de monitoramento específica para este tipo de fiscalização e, no caso do flagrante de uso por menores de idade, o usuário tem a conta imediatamente suspensa. As velocidades de circulação no entorno das escolas também foram reduzidas e a pasta tem realizado ações educativas com apoio das diretorias escolares e, inclusive, com envio de comunicados às famílias.

À ESPERA DA REGULAMENTAÇÃO

Por enquanto, a operação dos patinetes segue o que dispõe a normativa do Contran (Conselho Nacional de Trânsito), mas um grupo de trabalho, composto pela Saltur, Transalvador e pelas secretarias municipais de Mobilidade, Ordem Pública e Fazenda, está finalizando a proposta de regulamentação municipal e do termo de credenciamento do serviço para tentar aprimorar essa operação.





Camisa vermelha da seleção? CBF sem time e sem time!

James Martins

A palavra time, no título, deve ser lida em inglês: “taime”! Eu não podia perder o trocadilho. Pois é, não basta não ter time, uma geração de boleiros de meter vergonha ao país do futebol, a problemática confederação também demonstrou não ter time (de novo, “taime”) ao deixar espalhar-se o boato, a notícia, a fake news, seja lá o que seja, de que a seleção brasileira terá uma camisa vermelha como segundo uniforme, em substituição à tradicional camisa azul. Primeiro, a possível aposentadoria da azul, por sua importância (levantamos o primeiro caneco com ela!), já seria uma atitude irresponsável. Mas, vermelha? Por quê? Ora, todos sabemos que a camisa

amarela da seleção foi apropriada por uma corrente político-ideológica de uns anos para cá. Todos sabemos como o país está dividido em discussões tão superficiais como odientas. E, por tudo isso, o movimento do futebol deve ser no sentido da reunião dos brasileiros de todos os aspectos e espectros sob as mesmas cores e bandeiras. Uma camisa vermelha seria o oposto: o acirramento das diferenças.

Talvez a ideia tenha sido apenas vender camisetas para o outro setor consumidor. Mas, repito, o momento exige algo muito mais importante que vender camisetas. Já pensou as confusões que aconteceriam entre torcidas rivais da mesma seleção: uns de ama-

relo outros de vermelho? Teria torcida única no estádio, sendo que os rivais somos nós mesmos? Decidiria por sorteio o dia do amarelo e o do vermelho? As implicações são muitas. O que me deixou feliz, porém, foi ver que ninguém gostou da proposta. Todas as opiniões que vi, de Casagrande a PVC, foram contrárias à camisa vermelha para a seleção canarinha.

Enquanto escrevo estas mal traçadas, fico sabendo que a CBF finalmente se pronunciou, mas tudo ainda é bastante nebuloso. O vermelho não seria vermelho, mas quase marrom. Sim, marrom, aquela cor que te lembra aquilo que a seleção da CBF vem se especializando em fazer em campo.



O vermelho não seria vermelho, mas quase marrom. Sim, marrom, aquela cor que te lembra aquilo que a seleção da CBF vem se especializando em fazer em campo

Coordenadora **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Pegue a visão

Chegou a melhor parte do jornal: nossa editoria de dicas! Aproveite porque, se depender das indicações, não sei se estaremos aqui na próxima edição

Nega Lôra

Hoje eu estou vivendo só por educação mesmo. Não quero fazer desfeita com Deus.

Fausto Silva

“Ninguém mais quer trabalhar”, fale por você. Eu, particularmente, nunca quis.

Lacerda

Quero usar essa publicação para agradecer ao melão por colocar todas as suas sementes juntas e não fazer como a melancia, que deixa todas elas espalhadas.

Só os loucos sabem

Ame seu advogado, pois ele, além de sua mãe, é o único capaz de lhe defender sem acreditar em você.

Guto

Pelo menos um versículo da Bíblia eu tô cumprindo: “Não ajunteis tesouro na terra”.

Evandro

Quando eu morrer não venham com essa conversa de “ah, está cuidando da gente lá no céu”. Eu não vou cuidar de ninguém. Se virem.

Vlad

Quer uma vida saudável? Troque o carro por uma bicicleta. Eu tenho a bicicleta, quando quiser fazer a troca, me avise.

Rolinho

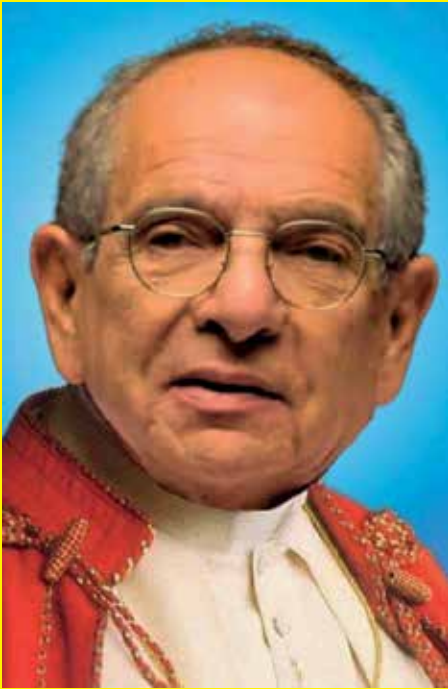
Uns fumam, outros bebem e outros se apaixonam... Cada um se mata de um jeito.

Filho de Jack

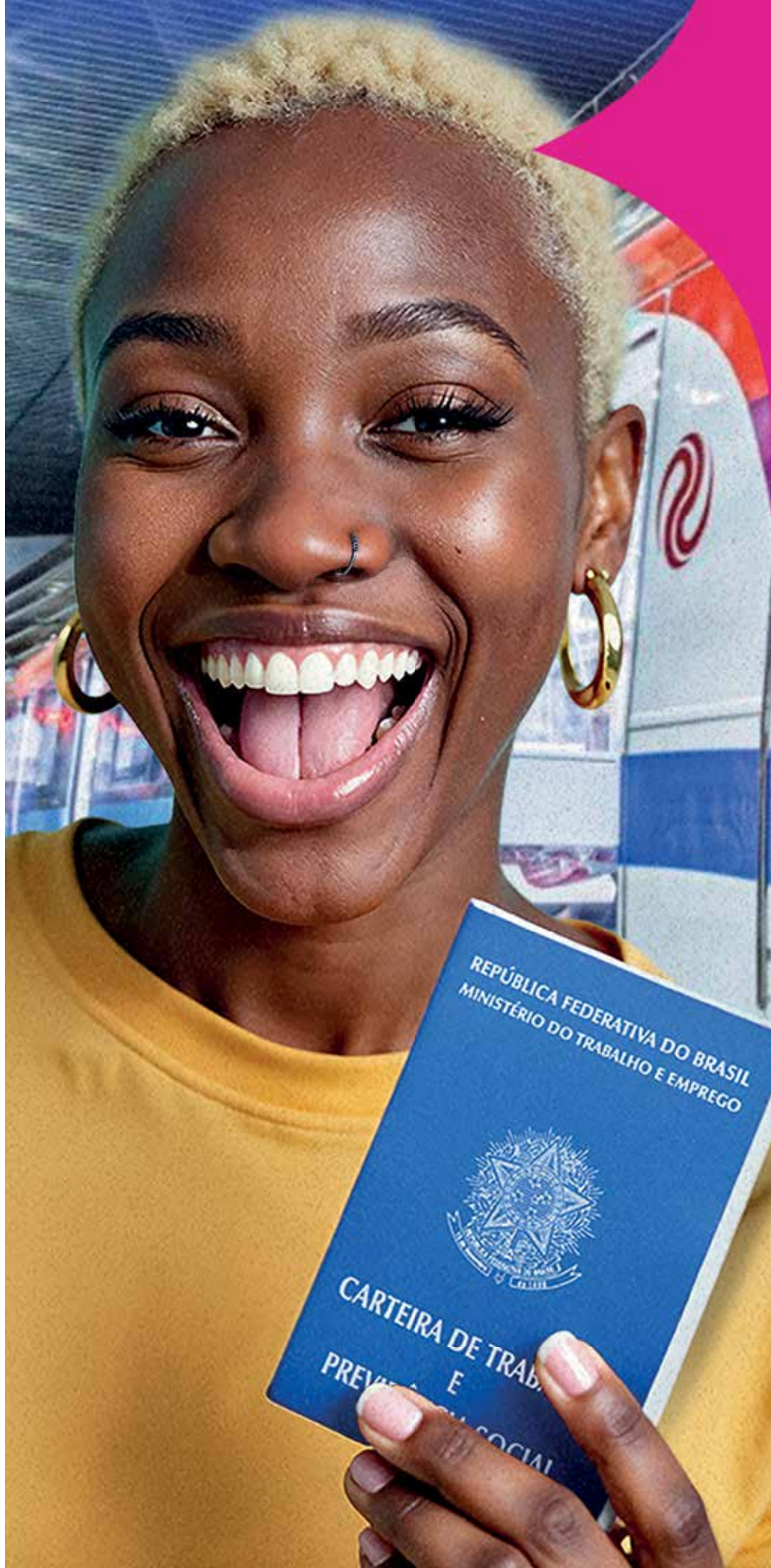
Esses dias me perguntaram: o que te impede de ser você mesmo? Eu respondi: o código penal.

Pedro Bial

O conclave decidiu. Já temos o novo Papa:



TRABALHO É COM OS BAIANOS. E COM O GOVERNO DO ESTADO.



MAIS DE 30 MIL NOVOS POSTOS DE TRABALHO EM 2025

Neste ano, celebramos mais de 30 mil novos postos de trabalho gerados entre janeiro e março, que garantem uma vida melhor para os baianos. É o resultado da dedicação das pessoas e de grandes investimentos do Governo do Estado nos setores de energia, indústria e infraestrutura, além de qualificação profissional para criação de mais oportunidades.

A Bahia segue em frente, caminhando junto com o Brasil na geração de empregos, cuidando das pessoas e investindo no desenvolvimento de todo o estado.

Com Governo do Estado presente, tem emprego e dignidade pra gente.

GOVERNO DO ESTADO
BAHIA

GOVERNO
PRESENTE
FUTURO
PRA GENTE